



## Sobre ser uma fêmea chimpanzé: a primatologia e as naturezas da diversidade sexual

*Mateus Oka<sup>1</sup>*

**Resumo:** A emergência da primatologia moderna, que previa construir a história evolutiva do Homem a partir do estudo de primatas, é devedora de seres descreditados de uma humanidade: as mulheres e os chimpanzés. Jane Goodall foi uma das pioneiras no estudo de primatas em seus ambientes nativos e traz a narrativa de uma chimpanzé, a Gigi, que se comportava de forma semelhante a um macho de sua espécie. Margaret Mead situou os padrões sexuais na cultura, e talvez chamaria Gigi de “inadequada”. Mas a antropologia tem dedicado esforços em denunciar o etnocentrismo e o antropocentrismo contidos na concepção de Homem, oposto à natureza – nesses parâmetros, a chimpanzé incompleta como fêmea não teria nada a contribuir a uma natureza entendida em termos de sua utilidade estrita ao enriquecimento daquele sujeito universal. Entretanto, narrativas primatológicas podem oferecer histórias alternativas. Seria possível, assim, pensar uma diversidade sexual natural-social, que enriqueça animais com humanos?

**Palavras-chave:** Chimpanzé. Bonobo. Primatologia. Diversidade.

### Introdução

De que maneira é um chimpanzé? Por volta de 1975, Jane Goodall carregava uma preocupação a respeito de Lucy, uma primata que foi criada como um bebê humano, cresceu entre seres humanos, aprendeu a Linguagem Americana de Sinais, assistia à

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. Bolsista CNPq pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Membro do Laboratório de Pesquisas em Antropologia (LAPA/UEM).

televisão e pegava bebidas na geladeira. Conforme a primatóloga, Lucy não era mais “puramente chimpanzé e, mesmo assim, a anos-luz de distância da humanidade, ela era uma coisa feita pelo homem, algum outro tipo de ser.” (Goodall 1991:18). Em outras palavras, aquela primata não exibia os padrões comportamentais típicos de um chimpanzé que vive no ambiente de uma floresta africana, em uma comunidade composta por múltiplos machos e fêmeas de sua espécie e dominado pelo macho alfa do grupo, sem a interferência humana – ou, pelo menos, de cientistas (Ihobe 1992).

A angústia de Goodall (1991) pode ser em parte explicada, talvez, pela sua condição ativa como uma conservacionista dedicada à proteção e a qualidade de vida de chimpanzés e outras espécies ameaçadas de extinção. Essa atuação é feita geralmente por cientistas em uma série de abrigos de primatas ao redor do mundo, resgatados do tráfico de animais ou nascidos em cativeiro. Por exemplo, Hayashi e colegas (2018) reportaram o andamento de um programa de reabilitação comportamental desenvolvido em Orang Utan Island (OUI), localizado na Malásia, atualmente com 22 orangotangos abrigados. Em 2011, Ah Ling, Nickey e Sonia foram soltos na floresta como parte do último estágio do projeto, a fim de se adaptarem aos poucos ao ambiente *natural*. Para avaliar essa adaptabilidade foram consideradas algumas alterações na atividade dos orangotangos, como o tempo de permanência na árvore e a interação social com conspecíficos, ou seja, os “padrões comportamentais apropriados que lembram aqueles dos parentes selvagens.” (Hayashi *et al.* 2018:142). A estimulação desses comportamentos mais “naturais” foi considerada um indicativo de sucesso do programa.

Outra ilustração pertinente diz respeito às legislações e recomendações que regulam os ambientes em cativeiro funcionalmente ou etologicamente apropriados para os animais, como a Animal Welfare Act de 1966 ou os princípios anunciados pelo Institute of Medicine em 2011. Essas regras sugerem que os diversos aspectos componentes do cativeiro – como a densidade animal, que é a razão entre o espaço total e o número de indivíduos no grupo – devem fornecer uma riqueza ambiental que estimule os primatas a apresentarem padrões comportamentais *típicos de sua espécie* (Webb *et al.* 2018). Essa atenção minuciosa dada por cientistas da primatologia para os comportamentos de seus sujeitos de pesquisa não é possível de ser ignorada. No caso dos chimpanzés, Goodall (1991) foi a primeira pessoa a registrá-los enquanto animais selvagens e, não por acaso, foi também ela quem descobriu de maneira inédita que esses primatas, em ambiente “natural”, eram capazes de fabricar e utilizar ferramentas.

Na década de 1960, a definição corrente para a humanidade era *Homem, o fabricante de ferramentas*. Louis Leakey, que havia apoiado e proporcionado a ida de Jane Goodall para as florestas africanas a fim de estudar os chimpanzés, ao ser noticiado da descoberta do uso de ferramentas pelos primatas, disparou: “Agora precisamos redefinir *ferramenta*, redefinir *Homem*, ou então aceitar os chimpanzés como humanos” (Goodall 1991:23). Todavia, a complexidade comportamental *natural* desses animais que teve a força de pôr em dúvida as originalidades humanas não se encerrou nesse aspecto. Os grupos de chimpanzés revelaram uma organização hierárquica, com machos e fêmeas ocupando posições de poder distintos (De Waal 2000 [1982]; Stanford 1998), desempenhando inclusive papéis diferentes: enquanto os indivíduos do sexo masculino patrulham o território, caçam, fazem barulho e andam em bando em torno do macho alfa, as fêmeas são descritas enquanto solitárias, sem relações com indivíduos não-aparentados e dedicadas ao cuidado com sua prole (Goodall 1991; Ihobe 1992). Esses e outros aspectos tornam inegável a complexidade social dos chimpanzés, fazendo com que estes sejam descritos na condição de *sociedades* (Rapchan 2012). Além disso, mais recentemente foi descoberto que cada grupo de chimpanzés possui padrões de comportamento singulares e que estes são transmitidos de maneira geracional, fazendo emergir a defesa de que primatas possuem também *cultura* (Rapchan e Neves 2016).

Essas faces da vida social de chimpanzés – e de primatas em geral – tornaram cada vez mais difícil a determinação de uma definição exata de uma “humanidade”, aproximando cada vez mais as espécies em um gradiente evolutivo e endossando a esperança de reconstruir os modos de vida do antepassado hominídeo da humanidade (Stanford 1998). Um aspecto significativo desse debate é a proposição que se encontra em de Waal (2007) a respeito da relação evolutiva – e comportamental – entre os *Homo sapiens* e as duas espécies vivas que lhe são mais próximas filogeneticamente: *Pan troglodytes* (os chimpanzés) e *Pan paniscus* (os bonobos). Parte dessa relação tem reflexo na descoberta da agressividade, disputa por poder e batalhas violentas encontradas entre os chimpanzés, particularmente quando um grupo estrangeiro encontra o outro. Esse fato fez com que se construísse um argumento por uma essência e uma herança violenta e belicosa nos seres humanos, uma vez que um de nossos parentes mais próximos se mostravam tão violentos quanto homens e mulheres poderiam ser.

Todavia, ainda conforme de Waal (2007), a espécie humana possui um “outro lado”: a herança comportamental compartilhada com os bonobos que, por sua vez, seriam

exatamente o oposto dos chimpanzés. Em suma, conforme o autor, “Somos abençoados com dois parentes primatas que diferem entre si como o dia da noite. Um é do tipo brutamontes, ambicioso e de pavio curto. O outro é igualitarista, adepto de um estilo de vida livre, leve e solto.” (De Waal 2007:14). O segundo estereótipo, incumbido aos bonobos, se baseia nos registros sobre suas vidas sociais, tão surpreendente quanto as dos chimpanzés: em seus grupos, as fêmeas são bastante próximas entre si, e há uma fêmea alfa que figura como o indivíduo mais dominante no grupo (Furuichi 1997; Ihobe 1992; Tokuyama *et al.* 2017; White e Wood 2007). Além disso, ao contrário dos chimpanzés, desde a infância os bonobos se engajam em comportamentos sexuais, desenvolvendo práticas de cópula entre indivíduos tanto do mesmo sexo como de outro. Particularmente, as atividades sexuais entre as fêmeas – denominadas *genito-genital rubbing*, ou seja, fricções genitais – são parte de um “ritual de passagem”, quando uma fêmea adolescente apta para reproduzir migra a um grupo estrangeiro, onde se estabelecerá pelo resto de sua vida, e precisa agradar a fêmea alfa (Enomoto 1990; Furuichi 1989; Hare e Woods 2011; Hashimoto 1997).

Dessa forma, responder ‘de que maneira é um chimpanzé’, a partir da primatologia, é muitas vezes um esforço de descrição comportamental e também de estabelecimento dos padrões de comportamento típicos dessa espécie. Isso pode ser feito, não raramente, a partir de comparações com relação de semelhança ou mesmo de oposição, como é feito com os bonobos – e com os seres humanos. De fato, a etologia – o estudo do comportamento animal – é uma das disciplinas basilares da primatologia (Fedigan 1997), e “cognição e comportamento social” é a categoria de estudo mais frequente de pesquisa primatológica atualmente (McKinney e Dore 2018). Além disso, parece existir uma correlação emergente entre os estudos sobre comportamento e os objetivos conservacionistas, no sentido de valorizar um arquétipo dos primatas que se aproxime dos seus padrões típicos no ambiente *natural*; ou, em outras palavras, um modo de vida que não seja lesado ou danificado pelas ações humanas.

No bojo dessa discussão, é possível lembrar uma passagem de Margaret Mead feita na década de 1960, justamente na mesma época em que Jane Goodall realizava sua imersão na vida selvagem dos chimpanzés.

[...] passamos a considerar-nos, tão seriamente quanto possível, uma espécie de criaturas vivas num universo que pode conter outras espécies de criaturas

vivas, talvez mais inteligentes do que nós. Essa possibilidade acrescenta novo sabor à exploração de nossas próprias potencialidades – como membros de uma espécie, incumbida de preservar um mundo ameaçado. Cada diferença é preciosa e deve ser cuidada com carinho. (Mead 2000 [1962]:14)

A antropóloga, entretanto, não estava estudando chimpanzés, mas como padrões sociais de personalidade eram condicionados diferencialmente para homens e mulheres *H. sapiens* em culturas distintas. É possível afirmar que, para Mead (2000), toda tentativa de estabelecer quais são as diferenças sexuais biológicas reais entre machos e fêmeas da espécie humana só seria possível quando fossem elucidadas as formas pelas quais culturalmente são criados dois padrões ideais de comportamento para esses dois grupos de indivíduos<sup>2</sup>. Ainda que declarasse que não nega a existência de diferenças sexuais no plano biológico, a autora atesta que “Somos forçados a concluir que a natureza humana é quase incrivelmente maleável, respondendo acurada e diferentemente a condições culturais contrastantes.” (Mead 2000:268).

Nesse ponto, tanto os estudos primatológicos citados quanto os de Margaret Mead sublinham *padrões comportamentais* em suas formulações teóricas, seja na natureza ou na cultura. E, em especial, os padrões referentes ao sexo se mostram relevantes para ambos, e constituem o interesse desta pesquisa. Em 2017, foi conduzido um estudo que selecionou 29 artigos em três revistas internacionais de primatologia<sup>3</sup> que evidenciassem, em seu título, temáticas a respeito do “sexo” – ou seja, trabalhos que versassem sobre relações entre machos e/ou entre fêmeas, maternidade, hierarquia de dominância em função do sexo, dimorfismo sexual, reprodução, hormônios sexuais, parentesco, cópulas, parto, menstruação e, por fim, comportamentos adjetivados como sexuais –, apenas com bonobos (*P. paniscus*). Essa espécie havia sido escolhida justamente pelos seus comportamentos sexuais que, por um lado, ocorrem com uma frequência maior que em chimpanzés e, por outro, são considerados como um exemplo da diversidade sexual na natureza e uma contraposição aos modelos normativos de papéis desempenhados por machos e fêmeas (Roughgarden 2005).

---

<sup>2</sup> Conforme a autora, “[...] enquanto não conseguirmos entender cabalmente como uma sociedade pode moldar todos os homens e mulheres nascidos em seu âmbito de modo que se aproximem de um comportamento ideal inerente apenas a alguns poucos, ou restringir a um sexo um ideal de comportamento que outra cultura logrou limitar ao sexo oposto, não poderemos falar de forma muito compreensiva sobre diferenças sexuais.” (Mead 2000:9-10).

<sup>3</sup> São as três principais revistas internacionais especializadas em primatologia: American Journal of Primatology, International Journal of Primatology e Primates (McKinney e Dore 2018).



Não obstante, conforme Latour (2000), os pontos de vista “permitem se movimentar de forma diferente do que foi intencionado” (p. 381). Apesar de não ser o objetivo de pesquisa estudar chimpanzés, as publicações em primatologia acerca dos bonobos recentemente trouxeram à tona comparações com seus parentes mais próximos. Além disso, partir de um ponto de vista sobre os bonobos com a intenção de propor um diálogo com teorias da antropologia sociocultural e de gênero permitiu dar uma atenção aos chimpanzés que se distingue daquela que enfoca os machos dominantes, alterando, também, a percepção inicial em relação aos bonobos. O objetivo do texto é apresentar o trajeto reflexivo que articula alguns casos considerados “exceções” na primatologia e suas possíveis relações com as questões contemporâneas em diversidade, particularmente aquelas que se referem aos padrões sexuais de comportamento. A obra de Mead (2000) inspirou, em parte, a organização do texto; e uma fêmea chimpanzé em especial, a Gigi, será importante no debate.

## O ideal chimpanzé e quem dele se desvia

A dicotomia chimpanzé/bonobo é bem apresentada por Stanford (1998) que, por sua vez, argumenta a favor de uma suavização dessa dualidade. O primatólogo chega a afirmar que talvez cientistas que interpretam a vida desses primatas estão enviesados por contextos externos à pesquisa, uma vez que as principais características contrastantes entre essas duas espécies – agressão, atividade sexual, relação entre machos e fêmeas – estão no “centro do debate sobre as questões de gênero humanas e o que molda nosso próprio comportamento.” (407). Inspirado nas teses feministas de Ortner (1974), que propõe que natureza está para a cultura como a mulher está para o homem – evidenciando a relação de dominação existente nesses binarismos –, Stanford (1998) sugere que as interpretações primatológicas correntes implicam que, analogamente, os bonobos estão para os chimpanzés, respectivamente. Ou seja, os padrões comportamentais pacíficos, sensuais, tendendo à divisão de poder e senso comunitário em bonobos encontra ecos nos estereótipos de gênero usados para descrever mulheres. Em contrapartida, os machos chimpanzés com sua agressividade e competição intragrupal serviriam como um modelo conveniente para o padrão de masculinidade em homens humanos.

Ainda conforme Stanford (1998), os dados de pesquisa acumulados em bonobos são poucos e assimétricos em relação ao de chimpanzés, além de muitos deles serem

trabalhos desenvolvidos com os primatas em cativeiro e insuficientes os estudos em ambiente natural – o que tornaria precipitada demais a generalização das interpretações do padrão comportamental bonobo. Enquanto isso, entre chimpanzés, já estudados em um período maior de tempo, é inegável que a “Territorialidade masculina e o patrulhamento excluem os machos que não pertencem à comunidade e adquirem novas fêmeas para benefícios reprodutivos dos machos. As fêmeas são essencialmente mercadorias reprodutivas pelas quais os machos competem.” (400).

Curiosamente, as primeiras observações de chimpanzés selvagens realizadas por Goodall (1991) registraram uma primata “*diferente*”: a Gigi. De 1965, quando atingiu a maturidade sexual, aos próximos mais de vinte anos, essa fêmea chimpanzé foi quem acasalou mais vezes com os machos do seu grupo. Na primeira década desse período, Gigi foi a parceira de sexo preferida entre os indivíduos do sexo masculino devido ao seu intumescimento rosado – que é um *sex appeal* feminino em alguns primatas – que era comparavelmente muito maior que de outras fêmeas. Esse órgão possui picos de inchaço periódicos, atraindo os machos para a cópula. Em duas décadas, Gigi copulou incontáveis vezes e foi levada a excursões sexuais – que ocorrem sempre que um macho quer monopolizar uma fêmea – mais de quarenta e três vezes. Toda essa atividade sexual com um detalhe: “Em termos de biologia evolucionista, os machos estavam ‘perdendo tempo’, uma vez que não havia a menor possibilidade de sucesso de reprodução.” (Goodall 1991:193) – em outros termos, Gigi era estéril, e nunca teve a sua própria prole.

A Gigi ainda chamou a atenção da primatóloga por outras razões. Ao contrário de outras fêmeas, ela entrava em brigas, realizava as exibições de força frequentemente apresentadas por machos, exercia ativamente a rotina de patrulha da fronteira e participou da destruição de ninhos vizinhos e de ataques a fêmeas de outras comunidades junto com os indivíduos do sexo masculino. Gigi ainda era uma exímia caçadora, sendo capaz de proteger a presa consigo enquanto outros machos tentavam toma-la. Ela era respeitada entre seus conspecíficos, recebendo *groomings* constantes – um sinal de confiança e desenvolvimento de laços afetivos entre primatas. Conforme Goodall (1991), “Em vários sentidos, ela atualmente se comporta como um macho.” (195). Mas ainda assim, “ela não é um macho: nunca esteve e nunca estará inteiramente integrada ao companheirismo da sociedade masculina. Nem tem como encontrar companhia e consolo, tal como acontece com outras fêmeas no seio de uma família.” (196).

Essa avaliação aparentemente desoladora da posição de Gigi em seu grupo lembra as narrativas de Mead (2000) a respeito das culturas que apresentavam padrões de

personalidade de homens e mulheres distintos daqueles encontrados nos modelos europeus e norte-americanos. Por exemplo, entre os Arapesh, o padrão ideal de comportamento tanto para homens como para mulheres era de uma personalidade dócil, avessa à violência, voltada sobretudo ao cuidado da terra e das crianças. A comunidade toda formava um grande laço, existindo a categoria absoluta de amigos e inimigos; ou seja, de um lado, aqueles que faziam parte daquela sociedade e, do outro, os estrangeiros. Entretanto, eram presentes também indivíduos desajustados a esse ideal. Era o caso de Wabe, um homem alto e herdeiro de uma linhagem familiar importante, mas volúvel, agressivo e intratável, tornando-o indesejável e patético aos seus pares. Conforme a antropóloga, ele “Era o homem naturalmente atraído para o serviço do homem branco, um jovem chefe ideal num esquema hierárquico. Em sua própria cultura, era um desperdício, tanto para si como para sua comunidade.” (Mead 2000:152-153).

Para os padrões comportamentais descritos por Stanford (1989) e até mesmo para Goodall (1991), Gigi é uma inadequada, ou desajustada, no sentido próximo dado por Mead (2000). Ou seja, a fêmea chimpanzé em questão não se ajustava confortavelmente no modelo comum de sua espécie, podendo ser caracterizada como uma exceção. Apesar dessa aparente condição de ausência de um espaço social adequado para a primata, Gigi estabeleceu relações sociais diversas com os membros do seu grupo; por exemplo, “adotando” alguns filhotes de outras fêmeas, havendo muitos casos em que ela salvou a vida do infante quando a mãe era descuidada (Goodall 1991). Não obstante, se Gigi é considerada uma “exceção” para os padrões clássicos de uma vida feminina chimpanzé, resta ainda considerar o seu modelo oposto: os bonobos.

## Os que se desviam do ideal bonobo

Stanford (1998), que pretende amenizar a oposição entre bonobos e chimpanzés, argumenta que a frequência de cópula apresentada entre os primeiros não é significativamente maior em relação aos seus parentes supostamente antagônicos. Entretanto, Hare e Woods (2011) confrontam essa afirmação, provando, por meio do estudo do desenvolvimento da vida sexual de bonobos, que a realização de atividades sexuais entre indivíduos do mesmo sexo e sem função reprodutiva está presente desde os primeiros anos de vida desses primatas, sustentando que eles fazem parte de um repertório normal da espécie. Assim, uma vez que esses engajamentos sexuais ocorrem em infantes



sem grandes interferências de adultos, eles são *inatos* ou *típicos da espécie*, em oposição aos comportamentos que são *aprendidos*.

As questões de pesquisa de Hashimoto (1997) são parecidas, ao se perguntar se os aspectos reprodutivo e social das práticas sexuais se desenvolvem separadamente ou se eles se diferenciam no curso do desenvolvimento, e em que momento essa característica distintiva de bonobos em relação aos demais grandes símios aparece. A autora revela que bonobos com menos de um ano de idade já apresentaram contatos genitais, variando em sua frequência conforme o desenvolvimento individual. Indo ao encontro da defesa de Hare e Woods (2011), a autora atesta que tais comportamentos sexuais lúdicos e não reprodutivos são produzidos desde os primeiros anos de vida.

Ainda conforme a autora, para as fêmeas bonobo no período juvenil, a frequência do contato genital com os demais é pequena, sendo esse número significativamente maior nos machos da mesma idade. Entretanto, Hashimoto (1997) conta o caso – uma exceção – de uma fêmea que, diferentemente das demais de seu grupo, apresentava um alto grau de práticas sexuais com machos maduros, de maneira semelhante aos machos juvenis. Além disso, ela exibia outro padrão igual aos conspecíficos do sexo masculino: recebeu comportamentos agressivos constantes dos machos adultos, mostrando nessas situações suas genitais como sinal de solicitação de cópula como forma de apaziguamento das tensões. Em razão desse caso ser descrito brevemente pela autora enquanto um *desvio à regra*, torna-se bastante relevante para essa discussão – lembrando mesmo a Gigi.

O segundo aspecto da vida social de bonobos considerado contrastante em relação aos chimpanzés é a questão da dominância feminina, que tem relação direta também com o estereótipo pacifista e não-agressiva desses primatas. Isso porque, na primatologia, a “dominância” é tratada em termos de relações agonistas, ou seja, conflituosas: quando emerge um conflito entre dois primatas e sob determinado critério se avalia que um “venceu” e outro “perdeu” como resultado da relação agonista, nomeia-se o primeiro como dominante *naquela situação*. Se o indivíduo vence todas as disputas em qualquer situação, resulta que este é chamado de “dominante” (Fedigan 1999). O problema dessa definição quando se trata de bonobos é que, justamente nessa espécie, as relações de agressão são escassas para determinar, a partir de uma amostra quantitativamente significativa, a dominância (Furuichi 1989).

A pesquisa de Stevens e colegas (2007) com fêmeas em cativeiro demonstrou que elas não puderam evocar comportamentos submissos de machos em todos os casos,

classificando os *P. paniscus* como uma sociedade de dominância feminina não exclusiva. Os autores ainda confirmam a existência de uma menor taxa de agressão entre os bonobos em relação aos chimpanzés, mas que esses dados revelam que esses primatas não são tão pacíficos ou “hippies” como se pensava à princípio. A pesquisa de Furuichi (1997) encontrou um número de 87 casos de interações agonistas entre machos e 27 entre fêmeas, ocorrendo 52 entre um macho e uma fêmea. Embora as demonstrações de agressão fossem poucas, mostram que há luta por hierarquia entre bonobos, o que pode contrariar o ideal do bonobo típico pacífico, apesar de algumas pesquisas ainda reafirmarem esse aspecto (Pfalzer e Ehret 1995).

Todavia, nas publicações estudadas, o próprio conceito original de “dominância” transpassou por modificações em decorrência da vida social dos bonobos, adicionando outros aspectos que não a agressão para caracterizar a dominação feminina nessa espécie. Isso porque as fêmeas possuem prioridade alimentar em detrimento dos machos, há uma ausência de monopolização masculina das fêmeas e quando há carne para comer, aparentemente ela é controlada pela fêmea alfa (FRANZ, 1999; FURUICHI, 1997; IHOBE, 1992; TOKUYAMA et al., 2017; WHITE; WOOD, 2007). Algumas publicações ainda problematizam o fato de não haver um consenso conceitual para com o termo (Sannen et al. 2004; Stevens et al. 2006; Stevens et al. 2007; Surbeck et al. 2017; White e Wood 2007).

Todas as tentativas exemplificadas de determinação de um consenso conceitual talvez revelem, paralelamente, a importância do modelo típico da espécie para a disciplina primatológica. A sexualidade e a dominância são dois dos diversos aspectos que podem compor um estado “médio” de uma espécie. E, apesar desse arquétipo mediano significar apenas regularidade em um dado período de tempo, alguns estudos não deixam de implicar a prescrição de uma normalidade, como é o caso de Hare e Woods (2011). Outra face dessa consequência normativa está no fato de as publicações estudadas recorrentemente deixarem de explicar os casos que fugiam à regra. Em geral, tratavam-se as ocorrências das “exceções” como causadas por variáveis externas, ecológicas, ambientais ou mesmo temperamentais.

Por exemplo, em uma pesquisa sobre a duração do inchaço sexual máximo de bonobos em cativeiro, uma fêmea, Rosie, diferentemente das demais do sexo feminino, exibiu os menores intervalos. Na publicação, é discutido que esse fato poderia ser explicado “pelo temperamento individual – um fator que não pode ser ignorado em grandes símios. O padrão atípico observado na Rosie pode ser interpretado dessa perspectiva,

como nenhuma explicação clara emergiu.” (Paoli *et al.* 2006:343). O caso da fêmea bonobo juvenil que apresentava os padrões comportamentais dos machos de sua idade, descrito por Hashimoto (1997), apesar de receber uma atenção um pouco maior, não deixou de situá-la como um desvio à regra. A autora formulou a hipótese de que a fêmea agia daquela maneira provavelmente devido ao falecimento precoce de sua mãe, tornando-a ativa sexualmente para se defender dos machos adultos.

Até este ponto, os estudos em primatologia mostraram que, em primeiro lugar, uma espécie é mais que sua classificação taxonômica em termos de morfologia ou genética – talvez mais do que a própria filogênese, os primatas chamam muito mais a atenção pelo que eles *fazem*. Em segundo, por mais que determinados padrões de comportamento façam parte de uma espécie primata, os critérios conceituais para a definição dessa regularidade são múltiplos. Isso porque, em parte, a ciência certamente possui uma heterogeneidade, mas é também porque os próprios primatas são diversos.

## Sobre a pureza científica e os “vieses” de gênero

Quando Stanford (1998) sugere que primatólogos e primatólogas estariam sob influência de uma cultura machista ao assumir a dicotomia rígida entre chimpanzés e bonobos, o autor retoma uma série de debates sobre a capacidade científica de alcançar um conhecimento confiável sobre a realidade. Cientistas que se deixam enviesar por tradições culturais heteronormativas estariam fazendo uma *bad science*? Deveriam todas as pessoas pesquisadoras fazer um esforço de se desprender de todas as amarras sociais para chegar a uma realidade pura do mundo? Goodall (1991) fez *errado* ao tratar Gigi como uma exceção? A forma como a pesquisa em primatologia tem sido conduzida tem levado a um conhecimento errôneo a respeito dos primatas?

Latour (2000) utiliza uma metáfora útil para abordar esse debate. Thelma Rowell, uma zoóloga, decidiu tratar ovelhas como chimpanzés, a fim de provar que “ovelhas são chimpanzés inteligentes”. No experimento, Rowell *deu a oportunidade* de esses animais, geralmente considerados monótonos, se comportarem de maneira diferente do usual. De maneira similar, “Cientistas se comportam como se eles estivessem ‘dando uma oportunidade’ para o fenômeno que, em outras configurações, poderiam ‘não ter a chance’ [de se comportarem daquela maneira].” (369). Assim, os conceitos, os métodos, os paradigmas teóricos, as tradições culturais, as ideologias, são contextos que fornecem circunstâncias diversas para produzir um conhecimento a respeito dos primatas.

Outra metáfora é a trilha – ao invés de constituírem um bloqueio para um conhecimento cientificamente verdadeiro, os “vieses” são ruas a serem percorridas para alcançar o objeto de estudo (Latour 2000). Portanto, o fato de a primeira pessoa a registrar, com fins científicos, o comportamento de chimpanzés selvagens ser uma mulher não tornou esse conhecimento “enviesado” por – no sentido de falsificado ou menos próximo do real em decorrência do – gênero, e nem mais “puro” por ser produzido por um indivíduo do sexo feminino e, assim, supostamente livre de inclinações machistas. Ao invés disso, conforme a própria Goodall (1991), sua condição como uma mulher sem treinamentos científicos ou uma formação universitária prévia ao estudar os chimpanzés fez toda a diferença na sua sensibilidade e percepção acerca da vida dos primatas. Em sua época eram escassos os estudos sobre essa espécie, e foram os caminhos particulares trilhados por Jane Goodall – e outras duas mulheres, Dian Fossey e Biruté Galdikas – que permitiram a emergência da primatologia como é conhecida atualmente.

Não é à toa, como adverte Haraway (2009), que são aqueles inscritos em condições específicas de raça, classe, gênero e nacionalidade que historicamente constituem o centro da definição de Homem na condição de sujeito universal. Tal posição se garante idealmente e é a todo momento reiterado por dicotomias entre humanidade e animalidade, homem e mulher, branco e negro, branco e não-branco, Ocidente e Oriente, civilizado e selvagem etc. Em suma, “o Homem, ou seja, aquele ser que não é animal, bárbaro ou mulher, aquele ser que é o autor de um cosmo chamado história.” (Haraway 2009:49). Definições da espécie humana, como *Homem, o fabricante de ferramentas*, estão inscritas nessa formulação que, por sua vez, caiu em decadência, em parte, a partir do encontro entre uma mulher e os chimpanzés.

Assim sendo, a sugestão de Stanford (1988) de que pesquisas em primatologia poderiam estar enviesadas por questões de gênero talvez possa ser rerepresentada de outra forma. No limite dessa tese, seria possível defender que os primatólogos e primatólogas estariam sob uma “contaminação” dos vieses culturais que estão impedindo de aparecer os verdadeiros aspectos das sociedades dos chimpanzés e bonobos. Ao invés disso, o problema pode ser outro: quais os conhecimentos sobre os primatas são gerados por um caminho e, talvez mais importante, quais as suas *consequências* éticas e políticas? Desse modo, é possível que, de fato, uma “trilha” – ainda na metáfora de Latour (2000) – seja classificada como sexista ou heteronormativa, como mostra trabalhos de Butler (2003) ou Roughgarden (2005). Entretanto, um ponto ainda crítico são os efeitos últimos desses conhecimentos no mundo (LOPES *et al.* 2012).

Não é que exista um “viés” que permita observar um fenômeno de maneira mais “pura”, mas que o mundo é onde se faz ciência, e é na relação com entidades ou agentes terrenos que o conhecimento científico é produzido. Conseqüentemente, toda teoria implica uma relação ética, ou seja, lida-se com o “outro”. Fazer ciência é uma forma de fazer coisas no mundo (LOPES *et al.* 2012) e, na metáfora latouriana, a primatologia pode ser interpretada dando a oportunidade a primatas de se comportarem, revelando suas potencialidades em sua condição de espécie. Portanto, as práticas científicas primatológicas eminentemente produzem conseqüências éticas e políticas no mundo – tanto para os primatas quanto para os humanos. Esses efeitos podem, assim, reiterar práticas normativas ou mesmo violentas para com pessoas que não se adequam às normas de comportamento prescritas (Butler 2003). Em relação à primatologia, é possível que suas teses possam cair “na mesma armadilha da teoria da seleção sexual: assume que um padrão principal é a norma e que a variedade reflete uma variação defeituosa da norma ideal.” (Roughgarden 2005:188).

No entanto, o caso de Goodall (1991) é particularmente interessante. As próprias conseqüências das teses de uma ciência moderna que defendia uma pureza científica afetaram a legitimidade do seu trabalho, sendo acusada de se aproximar demais dos chimpanzés e ser enviesada. Ainda assim – ou justamente por isso –, percorrendo suas trilhas únicas, a primatóloga deu a oportunidade aos chimpanzés de mostrarem suas complexidades comportamentais e sociais de maneira original, impactando a teoria e a metodologia científicas, as concepções sobre o humano e as políticas conservacionistas. Apesar de tratá-la como um “ponto fora da curva”, a percepção da primatóloga permitiu captar até mesmo Gigi, que já é independente e pode “escapar” das próprias narrativas que a descreveram. E agora, talvez, ela pode ser abordada de maneira alternativa, não mais na condição de uma mera exceção à regra. Gigi, afinal, é uma legítima fêmea chimpanzé, só por fazer parte da classificação *P. troglodytes*?

## Sexo e comportamento: entre o padrão e a variabilidade

Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: “Não são mulheres”, embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade

“corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres.” (Beauvoir 2016 [1949]:9)

Em Mead (2000), a relação entre o ideal cultural de personalidade e o desajustamento é explicada pelo caráter selecionista da cultura. As diversas instâncias da vida social criam contextos educacionais que estimulam e fortalecem os padrões comportamentais que se adequam ao desejado culturalmente, enquanto pune e julga negativamente os que são incompatíveis com o ideal. Isso quer dizer que há, de saída, uma diversidade de traços ou tendências temperamentais inatas nos indivíduos pertencentes àquela cultura que podem ser compatíveis ou não com o modelo almejado. Esse fato faz com que o processo educativo cultural consiga criar “sujeitos médios” que, a despeito de suas inúmeras individualidades, reconhecem-se com os modos comuns de seu grupo. Há, entretanto, sempre aqueles que, por incompatibilidade temperamental, não se ajustam. “O estribilho da canção disciplinadora é: ‘Você não será um verdadeiro ser humano, a menos que suprima essas tendências incompatíveis com nossa definição de humanidade.’” (Mead 2000:282).

Todavia, ainda conforme a antropóloga, esse efeito de inadequação torna-se algo mais problemático quando a cultura estabelece dois padrões comportamentais distintos para cada sexo, como é o caso dos modelos europeu e norte-americano. Conforme Mead (2000), quase nenhum indivíduo nessas sociedades teria passado ileso sem questionar em nenhum momento o seu pertencimento ou identificação com o próprio sexo, em decorrência dos inúmeros padrões comportamentais ideais separados para homens e mulheres. O fato de existir uma variedade de tendências temperamentais e ocupações que as pessoas podem seguir e a sua cultura determinar idealmente que algumas dessas variações são femininas e outras masculinas incute “na mente da criança um medo de que, apesar da evidência anatômica contrária, ela pode realmente não pertencer ao seu próprio sexo.” (Mead 2000:283). A anatomia, na verdade, seria uma evidência de “pequeno peso” em comparação à “força da classificação social, [...] que permite à sociedade implantar nas mentes infantis dúvidas e confusões sobre sua posição sexual.” (idem).

Dessa forma, Mead (2000) parece ter tomado consciência da lógica relacional e binária necessária para regular o que é considerado masculino ou feminino, bem como dos aspectos sobre ser homem ou mulher que não se encerram em uma verificação anatômica das genitálias. Essa constatação é bem formulada, mais contemporaneamente, nas teses butlerianas:



O enunciado “sinto-me uma mulher”, proferido por uma mulher, ou “sinto-me um homem”, dito por um homem, supõe que em nenhum dos casos essa afirmação é absurdamente redundante. Embora possa parecer não problemático *ser* de uma dada anatomia [...], considera-se a experiência de uma disposição psíquica ou identidade cultural de gênero como uma realização ou uma conquista. Assim, “sinto-me uma mulher” é verdade na mesma medida em que é presumida a evocação de Aretha Franklin do Outro definidor: “você me faz sentir uma mulher natural”. Essa conquista exige uma diferenciação em relação ao gênero oposto. Consequentemente, uma pessoa é o seu gênero na medida em que não é o outro gênero, formulação que pressupõe e impõe a restrição do gênero dentro desse par necessário. (Butler 2003:44-45)

O que não foi percebido ou levado a cabo por Mead (2000), contudo, é que “A coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional.” (Butler 2003:45). Esse aspecto é bem demonstrado pela própria antropóloga, ao presumir que, caso sejam eliminados os padrões comportamentais que uma cultura determina para homens e mulheres diferencialmente, a tendência ao desvio – o “homossexualismo” – seria eliminada. Em um mundo onde indivíduos do sexo masculino e feminino não precisam se adequar a normas arbitrárias de comportamento ou ocupação profissional, “os interesses individuais dos membros de cada sexo poderiam entrelaçar-se de maneira diferentes, e casamentos de semelhança e amizades de contraste não acarretariam necessariamente *handicap* de possíveis desajustamentos psico-sexuais.” (Mead 2000:300). De fato, Mead (2000) defende uma promoção das diversidades individuais, mas em um mundo onde o *status* essencialmente masculino ou feminino das pessoas não sejam questionados ou não se tornem razão de sofrimento psíquico.

Entretanto, uma leitura alternativa das teses meadianas é possível. Tanto para Mead (2000) como para Butler (2003) o *desvio* é eminentemente relacional para com a norma, e continuamente produzido socialmente. Sendo assim, Gigi é uma legítima exemplar de sua espécie. Sob a abordagem tradicional do “padrão típico”, ela só é considerada uma exceção porque, evidentemente, há um modelo que estabelece o que é regular e o que é excluído dessa média. De modo simétrico, seria possível constatar que existem desvios regulares? Um esforço de utilizar os aparatos teóricos e conceituais para explicar essas supostas “exceções” pode, talvez, retirá-la dessa marginalidade e trazer à tona a sua importância e contribuição para a sua espécie.

Afinal, Gigi mostra que fêmeas chimpanzés podem, potencialmente, ser muito ativas sexualmente e participar da organização social comumente atribuída aos machos. É possível suspeitar que, com efeito, não há uma essência feminina chimpanzé que determine um curso de desenvolvimento necessário de sua vida, como uma bola de boliche na metáfora de Roughgarden (2005) que, sendo lançada de maneira acurada, irá desencadear o acerto dos pinos. Isso porque nem a evolução ou a vida biológica são produtos de um fim teleológico (Ingold 2010). Assumir que não há uma essência ou um fim feminino não quer dizer, destarte, que os fenômenos biológicos são fracos, como Mead (2000) os situa em relação à força da coerção cultural. Na verdade, eles são tão importantes e complexos que dificilmente podem ser organizados de maneira homogênea ou absoluta, sendo sua própria característica proporcionar variabilidade.

Evolutivamente, os machos que copulavam com Gigi não estavam “perdendo tempo”, e nem ela estava desperdiçando suas energias ao cuidar da prole de outras fêmeas, que não carregavam seus próprios genes. Tais pormenores da vida social dos chimpanzés evidenciam as complexidades dos primatas e, conseqüentemente, suas potencialidades evolutivas. Afinal, ela só acontece graças à variabilidade biológica – incluindo, nesse conjunto, a dimensão social. Nesse contexto, torna-se mais necessária uma interpretação da obra darwinista a favor da diversidade “para notarmos que as formas [...] explicam-se pelas forças de variação e conservação que emergem das relações adaptativas entre organismos e ambientes.” (Marras 2014:234).

Um exame atento da primatologia oferece um panorama a favor da diversidade: “quanto mais se acumula dados de pesquisa mais as conclusões apontam para significativas variações em indivíduos ou grupos.” (Rapchan 2019:29). Ainda conforme Rapchan (2019), pretensões universalizantes que estabelecem padrões comportamentais rígidos tanto em humanos como em outros primatas acabam correndo o risco de serem tão genéricos a ponto de não explicarem nada. De fato, as regularidades existem, mas em contexto, e sempre de maneira relacional. Levando adiante esse raciocínio, é possível tomar a proposta de Marras (2014) de pensar humanos e animais como forças, e não como formas, e que a “ação não é simples desdobramento de disposições dadas pelos seres. É também ela, insisto, emergência.” (235). Nesse sentido, os comportamentos de chimpanzés não são um resultado de predisposições confinadas na sua configuração como espécie, e Gigi não é um desvio da natureza. Ao contrário, Gigi revela a emergência – ou, de outro modo, expõe as possibilidades comportamentais que, em contexto, uma fêmea

chimpanzé pode tomar. Os “desvios” de Gigi estão circunscritos em seu grupo, em seu corpo, em sua espécie, enfim, nas relações estabelecidas ao longo de sua vida social, assim como em seus conspecíficos.

Indo na direção contrária a um debate sobre o caráter natural-normal ou adquirido-anormal de alguns comportamentos, essa discussão destaca a necessidade de pensar a diversidade em outros termos. Mead (2000) já denunciara os problemas de uma educação cultural normativa: “Assim, a existência numa dada sociedade de uma dicotomia de personalidade determinada pelo sexo, limitada pelo sexo, pune em maior ou menor grau todo indivíduo que nasce em seu âmbito.” (290). Esse caráter punitivo é bem exposto também por Butler (2011), sob outros caminhos: “O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer.” (87). Para essa educação normativa, as dissidências são um grande problema. “Ademais, haverá realmente um problema?” (Beauvoir 2016 [1949]:9). Ou ainda, para quem se dirige esse problema?

Há uma grande variedade de questões acerca da diversidade e as responsabilidades da humanidade para com a destruição das formas de vida no planeta não podem ser distribuídas igualmente, como sugere o caráter “antropogênico” das práticas degradantes que ocorrem atualmente na Terra (Coutinho 2017). Talvez, aquele Homem com letra inicial maiúscula (Haraway 2009) esteja mais ligado a esses fatores “antropogênicos”, pretensamente separados da natureza e normativos em relação às diversidades existentes nesse planeta.

Entretanto, parece ainda necessário pensar nas consequências das ações humanas que “afetam, constroem (ou destroem) os diferentes mundos (físico-natural, vivo-natural, sócio-cultural, e individual).” (LOPES *et al.* 2012:126-127). Nessa gama de mundos em constante perigo, há uma diversidade sexual natural-social, ou simplesmente natural, desde a Gigi até as sexualidades pautadas nos recentes movimentos LGBTQ+ e feministas. Nesse sentido, os “desvios” não são um objeto estranho e amorfo, desimportantes ou mesmo que não deveriam estar nesse mundo. Essas variedades de vida são legitimamente deste mundo natural. A partir dessa perspectiva, a diversidade em si não é um problema, mas a possibilidade dessas formas de vida possíveis serem desmanteladas, na condição de “espécie”, de “terranos”, ou mesmo de “parentes”.

## Referências

- BEAUVOIR, Simone. 2016 [1949]. **O segundo sexo: fatos e mitos**, volume 1. Tradução: Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BUTLER, Judith P. 2011. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: Ana Gabriela Macedo e Francesca Rayner (Org.). **Gênero, cultura visual e performance: Antologia crítica**. Vila Nova de Famalicão: Húmus, pp. 69-89.
- BUTLER, Judith P. 2003. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COUTINHO, Juliana Fausto de Souza. 2017. **A cosmopolítica dos animais**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- DE WAAL, Frans de. 2000 [1982]. **Chimpanzee politics: power and sex among apes**. 9 ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.
- DE WAAL, Frans de. 2007. **Eu, primata**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras.
- ENOMOTO, Tomoo. 1990. Social play and sexual behavior of the bonobo (**Pan paniscus**) with special reference to flexibility. **Primates**, 31(4):469-480.
- FEDIGAN, Linda Marie. 1997. Is primatology a feminist science? In: Lori Hager. **Women in human evolution**. Abingdon: Routledge Press, pp. 56-75.
- FEDIGAN, Linda Marie. 1999. **Primate paradigm: sex roles and social bonds**. 6 ed. Chicago: The University of Chicago Press.
- FRANZ, Cornelia. Allogrooming behavior and grooming site preferences in captive bonobos (**Pan paniscus**): association with female dominance. 1999. **International Journal of Primatology**, 20 (4)525-546.
- FURUICHI, Takeshi. 1997. Agonistic interactions and matrifocal dominance rank of wild bonobos (**Pan paniscus**) at Wamba. **International Journal of Primatology**, 18 (6):855-875.

- FURUICHI, Takeshi. 1989. Social interactions and the life history of female **Pan paniscus** in Wamba, Zaire. **International Journal of Primatology**, 10 (3):173-197.
- GOODALL, Jane. 1991. **Uma janela para a vida: 30 anos com os chimpanzés da Tanzânia**. Tradução: Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Zahar.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. 2009. In: Tomaz Tadeu (Org. e trad.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- HARE, Brian; WOODS, Vanessa. 2011. Bonobo but not chimpanzee infants use socio-sexual contact with peers. **Primates**, (52):111-116.
- HASHIMOTO, Chie. 1997. Context and development of sexual behavior of wild bonobos (**Pan paniscus**) at Wamba, Zaire. **International Journal of Primatology**, 18 (1):1-21.
- HAYASHI, Misato; KAWAKAMI, Fumito; ROSLAN, Rosimah; HAPISZUDIN, Nurhafizie M.; DHARMALINGAM, Sabapathy. 2018. Behavioral studies and veterinary management of orangutans at Bukit Merah Orang Utan Island, Perak, Malaysia. **Primates**, 59:135-144.
- IHOBE, Hiroshi. Male-male relationships among wild bonobos (**Pan paniscus**) at Wamba, Republic of Zaire. 1992. **Primates**, 33 (2):163-179.
- INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. 2010. **Educação**, 33 (1):6-25.
- LATOUR, Bruno. A well-articulated primatology. Reflexions of a fellow-traveller. 2000. In: Shirley Strum e Linda Fedigan (Ed.). **Primate Encounters**. Chicago: University of Chicago Press, pp. 358-381.
- LOPES, Carlos Eduardo; LAURENTI, Carolina; ABIB, José Antônio Damásio. 2012. **Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical: mundo, homem e ética**. São Paulo: ESETec Editores Associados.
- MARRAS, Stelio. 2014. Virada animal, virada humana: outro pacto. **Scientiae Studia**, 12 (2):215-260.

- MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. 2000 [1962]. Tradução: Rosa Krausz. 4 ed. São Paulo: Perspectiva.
- MCKINNEY, Tracie; DORE, Kerry M. 2018. The state of ethnoprimateology: its use and potential in today's primate research. **International Journal of Primatology**, 39 (5):730-748.
- ORTNER, Sherry Beth. Is female to male as nature is to culture? 1979. In: Michelle Rosaldo e Louise Lamphere. **Woman, culture, and society**. Stanford: Stanford University Press, pp. 67-87.
- PAOLI, Tommaso; PALAGI, Elisabetta; TACCONI, Giorgia; BORGONINI TARLI, Silvana M. 2006. Perineal swelling, intermenstrual cycle, and female sexual behavior in bonobos (**Pan paniscus**). **American Journal of Primatology**, 68:333-347.
- PFALZER, Susanne; EHRET, Günter. 1995. Social integration of a bonobo mother and her dependent daughter into an unfamiliar group. 1995. **Primates**, 36 (3):349-360.
- RAPCHAN, Eliane Sebeika. 2012. On the state of nature and social life: thinking about humans and chimpanzees. **Revue de primatologie**, 4:1-17.
- RAPCHAN, Eliane Sebeika. 2019. **Somos todos primatas**. E o que a antropologia tem a ver com isso? Curitiba: Appris.
- RAPCHAN, Eliane Sebeika; NEVES, Walter Alves. 2016. 'Culturas de Chimpanzés': uma revisão contemporânea das definições em uso. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 11 (3):745-768.
- ROUGHGARDEN, Joan. 2005. **Evolução do gênero e da sexualidade**. Tradução: Maria Edna Tenório Nunes. Londrina: Planta.
- SANNEN, Adinda; VAN ELSACKER, Linda; HEISTERMANN, Michael; EENS, Marcel. 2004. Urinary testosterone-metabolite levels and dominance rank in male and female bonobos (**Pan paniscus**). **Primates**, 45:89-96.
- STANFORD, Craig B. 1998. The social behavior of chimpanzees and bonobos: empirical evidence and shifting assumptions. **Current Anthropology**, 39 (4):399-420.



- STEVENS, Jeroen M. G.; VERVAECKE, Hilde; DE VRIES, Han; VAN ELSACKER, Linda. Sex differences in the steepness of dominance hierarchies in captive bonobo groups. 2007. **International Journal of Primatology**, 28:1417-1439.
- STEVENS, Jeroen M. G.; VERVAECKE, Hilde; DE VRIES, Han; VAN ELSACKER, Linda. 2006. Social structures in **Pan paniscus**: testing the female bonding hypothesis. **Primates**, 47:210-217.
- SURBECK, Martin; BOESCH, Christophe; GIRARD-BUTTOZ, Cédric; CROCKFORD, Catherine; HOHMANN, Gottfried; WITTING, Roman M. 2017. Comparison of male conflict behavior in chimpanzees (**Pan troglodytes**) and bonobos (**Pan paniscus**), with specific regard to coalition and post-conflict behavior. **American Journal of Primatology**, 79:1-11.
- TOKUYAMA, Nahoko; MOORE, Deborah Lynn; GRAHAM, Kirsty, Emma; LOKASOLA, Albert; FURUICHI, Takeshi. 2017. Cases of maternal cannibalism in wild bonobos (**Pan paniscus**) from two different field sites, Wamba and Kokolopori, Democratic Republic of the Congo. **Primates**, 58:7-12.
- WEBB, Sarah J. Neal, HAU, Jann, SCHAPIRO, Steven J. Captive chimpanzee (**Pan troglodytes**) behavior as a function of space per animal and enclosure type. 2018. **American Journal of Primatology**, 80.
- WHITE, Frances J.; WOOD, Kimberley, D. 2007. Female feeding priority in bonobos, **Pan paniscus**, and the question of female dominance. **American Journal of Primatology**, 69:837-850.